

Travessias, necropolíticas e audiovisibilidades no caso do suicídio de Demétrio Campos

Crossings, necropolitics and audiovisibilities in the case of the suicide of Demétrio Campos

GABRIELA CLEVESTON GELAIN

Instituição/Afiliação ESPM

País Brasil

Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo no PPGCOM ESPM-SP, com apoio de bolsa CAPES. Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e jornalista pela UFSM. Integra o grupo de pesquisa Juvenália e faz parte da rede Punk Scholars Network BR.

THIAGO TAVARES DAS NEVES

Instituição/Afiliação UFRN

Pós-Doutor em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Doutor em Ciências Sociais pela UFRN e jornalista pela mesma instituição. Pesquisador do grupo de pesquisa Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da UFRN.

HADRIEL THEODORO

Instituição/Afiliação Universitat Autònoma de Barcelona

País Espanha

Pesquisador associado ao Institut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona - Cátedra UNESCO. Doutor em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM-ESPM), com pesquisa financiada pela FAPESP.

RESUMO

O objetivo principal do estudo é analisar narrativas audiovisuais relacionadas ao caso de suicídio de Demétrio Campos, um homem trans, negro e periférico. A metodologia, de caráter qualitativo, abarca um conjunto de reflexões teóricas a respeito da temática da travessia, da necropolítica e das políticas de audiovisibilidade, e uma análise sobre narrativas audiovisuais vinculadas à morte de Demétrio. A análise permite verificar que a esfera midiática advém uma arena de extrema relevância a formas de resistência e de (re)existência em torno do suicídio de Demétrio, servindo como fundamento para se questionar a hegemonia da cisheteronormatividade, da branquitude e da ordem classista.

Palavras-chave: Travessia; Necropolítica; Audiovisibilidade.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze audiovisual narratives related to the suicide of Demétrio Campos, a trans, black and peripheral man. The qualitative methodology encompasses a set of theoretical reflections on the theme of the crossing, necropolitics, and the policies of audiovisibility, and an analysis of audiovisual narratives linked to the death of Demétrio. The analysis allows to verify that the media sphere becomes an arena of extreme relevance to forms of in Demetrius' experience. The analysis allows verifying that the media sphere comes from an arena of extreme relevance to forms of resistance and (re)existence around Demetrius' suicide, serving as a basis to question the hegemony of cisheteronormativity, whiteness and the class order.

Keywords: *Crossing; Necropolitics; Audiovisibility.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo está vinculado a uma pesquisa de doutorado que objetiva analisar políticas de audiovisibilidade a partir de produções artísticas de corpos dissidentes^[1] no coletivo Slam Marginália^[2]. Este grupo começou suas atividades em 5 de setembro de 2018, no Largo São Bento, no centro da cidade de São Paulo. É organizado por Abigail Campos Leal, Carú de Paula, Uarê e Preto Theo, constituindo-se como uma comunidade de poesia falada formada por pessoas trans e não-binárias. Atualmente, o Marginália desenvolve suas atividades em sites de rede social (Instagram e Facebook), onde ocorrem os encontros (ou batalhas) de poesia, além de discussões sobre questões de gênero, pocket shows, produção de fanzines e divulgação de suas artes – que intitulam de “transmarginais”.

Durante a realização do trabalho de campo de campo, foi encontrada uma postagem no perfil do Instagram do Slam Marginália sobre um caso de suicídio de uma das pessoas que participava desta comunidade: tratava-se de Demétrio Campos, um jovem carioca de 23 anos, dançarino, performer, homem trans, preto e periférico. Sua morte ocorreu em 17 de maio de 2020, data conhecida como Dia Internacional da Luta Contra a LGBTfobia^[3]. Concentramos nossa atenção nesse caso devido à sua grande repercussão midiática tanto no perfil do Slam Marginália em sites de rede social quanto em outras comunidades relacionadas à temática LGBTQI+. De acordo com Carvalho (2020), além do caso de Demétrio vir a público, ele promoveu um amplo debate sobre questões de gênero, racismo, transfobia, violência contra pessoas LGBTQI+^[4] e seus impactos no âmbito da saúde mental.

Consideramos a dimensão afetiva e midiática da morte de Demétrio, com o objetivo de analisar narrativas audiovisuais relacionadas a seu suicídio. Para tanto, nos pautamos em três operadores conceituais: a travessia, a necropolítica e a audiovisibilidade. Sendo assim, buscamos realizar uma análise que leve em conta a interface entre os estudos de gênero e o campo da comunicação, a partir de uma perspectiva impura, queer decolonial^[5], interseccional e não essencialista.

Em nosso entendimento, as produções audiovisuais autorais e não autorais “(...) abarcadas no grande sufixo trans* (transgeneridade; transformismo; transexualidade; transitoriedade) nos informam também sobre um comunicar com centralidade nos afetos e na dimensão tensiva da comunicação.” (ROCHA *et al.*, 2020, p. 92). Essas produções possuem um caráter eminentemente político. No caso de Demétrio, ainda é preciso considerar a interseccionalidade de marcadores sociais de diferença, como gênero, raça e classe. Sendo assim, a repercussão midiática de seu suicídio salienta uma potência comunicacional que expõe a necropolítica a que corpos negros e dissidentes de gênero estão suscetíveis na vida cotidiana.

METODOLOGIA

De caráter qualitativo, a metodologia do presente estudo engloba um conjunto de reflexões teóricas acerca da temática das travessias, das necropolíticas e das audiovisibilidades, e uma análise a partir das/sobre as narrativas audiovisuais relacionadas ao suicídio de Demétrio Campos.

Compreendemos a centralidade do narrar como um dos fundamentos a partir do qual o sujeito dá sentido ao mundo e à sua própria existência. Como explica Christine Delory-Momberger (2015, p. 62), se trata de atentar a como os sujeitos "(...) dão forma às suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência, como integram, estruturam, interpretam os espaços e as temporalidades de seu ambiente histórico e social.". Daí a relevância assumida pela narrativa, haja vista que, mediante uma "atividade biográfica", se estabelecem pontes entre o individual, o social e o histórico. Esse espaço discursivo contém ao mesmo tempo um valor biográfico e memorial, sendo que a construção de narrativas (de si e sobre o Outro) é essencial às políticas de diferença, de autoafirmação e de reconhecimento (ARFUCH, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2015).

Com relação ao trabalho empírico, a coleta de dados ocorreu entre maio de 2020 e fevereiro de 2021, a partir da repercussão do suicídio de Demétrio na página do Slam Marginália no Instagram (@slammarginalia); no perfil de Demétrio no Instagram (@demetriocamposvive)^[6]; e no canal *TransDiário* no YouTube^[7]. Para o presente estudo, realizamos uma seleção dos materiais coletados tendo por critério a repercussão das postagens e os conteúdos das falas de Demétrio, cujo enfoque recai em sua travessia. Sendo assim, o corpus de análise é composto por:

- Excertos de uma entrevista de Demétrio no canal *TransDiário* (2019)^[8];
- Uma publicação sobre o suicídio de Demétrio na página oficial do Slam Marginália no Instagram^[9];
- Duas publicações na página do Instagram @demetriocamposvive: o primeiro se trata de um vídeo que o próprio Demétrio disponibilizou em seu perfil no Instagram, no dia 4 de novembro de 2020 ^[10]; o segundo diz respeito a um vídeo que seus pais fizeram a respeito de seu suicídio, publicado no dia 20 de maio de 2020 no perfil @demetriocamposvive ^[11].

A análise foi realizada com base nas narrativas visuais, orais e textuais de/sobre Demétrio, tomando como fundamento uma articulação teórica pautada em três eixos: travessia, necropolítica e audiovisibilidade.

ENTRE TRAVESSIAS E NECROPOLÍTICAS

Um dos principais pontos a serem problematizados no caso do suicídio de Demétrio é a delimitação entre morrer e ser morto, bem como sua inter-relação à experiência trans. Enquanto jovem preto, trans e periférico, podemos compreender que Demétrio passa a ser potencialmente um *corpo matável*. De acordo com Agamben (2010), o corpo matável é um corpo desprovido de direitos, de cidadania, de humanidade. Ou seja, trata-se de um corpo excluído, que tem uma “vida nua”. Nesse sentido, é importante abordar e refletir sobre sua transição como homem trans, processo que Preciado (2020a) intitula de “travessia”.

Apreendemos o conceito de travessia como um operador epistemológico e pragmático tanto para entender o conhecimento produzido sobre a transição de gênero como a ação de transitar (PRECIADO, 2020a). Sendo assim, a travessia emerge como um conhecimento encarnado, acionando uma epistemologia da desidentificação^[12], da passagem, do gênero enquanto um elemento essencialmente político. Sendo um homem trans, Preciado (2020a, p. 32) sentiu na própria pele as nuances dessa travessia, caracterizando-a como “(...) o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência.”.

A incerteza, a fronteira e a travessia marcam a experiência dos homens trans. Ao longo de sua transição, Demétrio relata o quanto foi difícil suportar sua existência, realizar o processo de hormonização e passar pelas transformações corporais (mesmo não tendo realizado a mastectomia masculinizadora)^[13]. Por ser um homem trans preto e periférico, Demétrio teve de lidar no dia a dia com transfobia, racismo e preconceitos relacionados à sua condição social, como fica claro em sua própria narrativa:

O que eu gostaria de dizer é que muitas das vezes que a gente vê vídeos de transição, em sua maioria de pessoas brancas, elas estão dizendo o quanto estão felizes com as mudanças físicas em seus corpos. Mas eu gostaria de falar das mudanças que elas nunca vão sofrer; que só a gente como eu, que sou homem preto, até mesmo as mulheres travestis pretas, sabe o que é. Mas, no caso dos homens pretos, as coisas ficam bem mais difíceis depois que você transiciona. O mundo não vira um mar de rosas e as coisas não ficam totalmente de boa. Você é perseguido pela polícia muito mais. Você é um alvo muito maior de agressão. Você sendo preto, as pessoas são muito mais racistas com você. Eu não consigo correr na rua, porque eu tenho medo de correr na rua e alguém achar que eu vou assaltar, ou que eu estou roubando algo, ou que eu vou fazer algo de ruim, sabe?! Mesmo sem eu ter tido feito porra nenhuma, eu tenho medo simplesmente de andar na rua^[14].

Além de ser alvo de perseguições da polícia, enquanto homem trans, preto e periférico, Demétrio relata que foi vítima também de masculinidades heteronormativas e compulsórias^[15].

Ele afirma que essas violências foram advindas da sociedade e dele mesmo, uma vez que

introjetava comportamentos machistas em seu cotidiano como forma de se legitimar enquanto homem trans. Tratava-se de uma “estratégia” para viabilizar uma passabilidade de homem cisgênero^[16], o que (em teoria) contribuiria para que fosse aceito social, cultural e politicamente. No entanto, isso o levava a (re)produzir violências simbólicas e físicas contra si mesmo.

Para Preciado (2020a), a posição do homem nas sociedades tecnopatriarcais e heterocêntricas é definida pela soberania masculina, legitimada justamente pelo uso de diversas técnicas de violência (contra mulheres, crianças, outros homens não brancos, animais e até o planeta).

Poderíamos dizer, lendo Max Weber com Judith Butler, que a masculinidade é para a sociedade aquilo que o Estado é para a nação: detentor e usuário legítimo de violência. (...) A masculinidade se define necropoliticamente (pelo direito dos homens de dar a morte), enquanto a feminilidade se define biopoliticamente (pela obrigação das mulheres de dar a vida) (PRECIADO, 2020a, p. 313-314).

O suicídio de Demétrio não pode ser desvinculado desse contexto necropolítico. Por um lado, como salienta Mbembe (2018b), a necropolítica é uma política racializada; por outro, devemos ter em mente que ela não se restringe a um estado de subalternidade destinado a pessoas negras, pois atinge de maneira mais ampla os sujeitos tidos como dissidentes às normas socioculturais hegemônicas (como os sujeitos LGBTQI+). Dessa forma, podemos considerar que o caso de Demétrio envolve uma necropolítica *interseccional*, tanto pela questão da negritude e da classe quanto do gênero (a partir de sua travessia).

No perfil do Slam Marginália no Instagram, a triste notícia de sua morte foi anunciada com uma arte acompanhada da frase “Vai em paz, pretinho!” (Figura 1).



FIGURA 1 - Postagem sobre a morte de Demétrio no Instagram do Slam Marginália

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CASosMXnvIt/>>.

Como mencionado anteriormente, Demétrio participava do Slam Marginália. Ele se mudou para a cidade de São Paulo em 2017, após sua transição de gênero, para encontrar pessoas que o compreendessem, sentir uma maior aceitação e se integrar à comunidade LGBTQI+ paulistana (GOMES, 2020). Em algumas das postagens na página do Instagram @demetriocampovive e em entrevista ao canal *Transdiário*^[17] (em outubro de 2019), Demétrio expressa sua dificuldade em encontrar profissionais para auxiliá-lo em sua transição de gênero (como, por exemplo, na hormonização e no acompanhamento psicológico), quando vivia em Cabo Frio (RJ). Além disso, relatou que, a partir de sua travessia, passou de uma condição de uma “mina assediada para um cara oprimido”. Ou seja, quando ainda não havia começado a transição de gênero e possuía uma legibilidade de mulher cisgênero, sofria assédio; após dar início à transição, passou a sofrer opressão pela cor da pele e pela condição social.

A mãe de Demétrio também menciona que ele sofria racismo ao buscar a inserção no mercado trabalho, além de ter sido espancado pela polícia durante uma blitz (GOMES, 2020). Atualmente, sua mãe gerencia o perfil @demetriocampovive no Instagram e busca perpetuar o objetivo principal de Demétrio: um mundo onde haja conscientização das pessoas com relação ao racismo e à LGBTQI+fobia. Através de posts, divulga outras redes de apoio para a comunidade LGBTQI+ e mantém uma interação com as/os seguidoras/es da página (Figura 2).



FIGURA 2 - Postagem sobre a morte de Demétrio no Instagram @demetriocampovive

Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CJ3aAtTn3o9/>>.

Conforme pontuamos, o Brasil é um dos países mais violentos contra a população trans no mundo. De acordo com Putti (2020), o ano de 2020, por exemplo, atingiu um recorde de assassinatos de travestis e transexuais em território brasileiro: somente nos oito primeiros meses do ano, o país

havia registrado 129 assassinatos, um aumento de 70% com relação ao mesmo período de 2019. Já de acordo com dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), entre 2017 e 2019, houve 466 assassinatos de travestis e transexuais no Brasil. Além disso, fatores como a sistematicidade da violência; a falta de amparo familiar, legal, do Estado etc.; imposições de ordem religiosa; e uma conjuntura social, cultural, política, escolar, laboral etc. predominantemente discriminatória estão relacionados a uma maior incidência de distúrbios psíquicos entre pessoas LGBTIQ+ (em comparação com a população geral). Isso se reflete inclusive na prevalência de ideação suicida e nas tentativas de suicídio (cujos índices também são mais elevados em comparação com a população geral) (DE CARVALHO *et al.*, 2019)^[18]. Um dossiê elaborado pela Rede Trans Brasil (2021), por exemplo, notificou 17 suicídios de pessoas trans no ano de 2019 e 22 no ano de 2020. Este mesmo levantamento, que também considerou as políticas afirmativas em prol da saúde mental de pessoas trans, apontou que cerca de 42% da população trans já tentou suicídio.

Nesse contexto de assassinatos e suicídios, a necropolítica se torna um conceito imprescindível para compreender a dialética entre vida e morte no âmbito da experiência de membros de grupos periféricos, pretos, de pessoas trans e da população LGBTQI+. Para Medeiros (2019, p. 298), “na necropolítica tropical, os corpos são controlados pela morte ou pelo medo de que ela ocorra, morte que se espelha tanto em assassinatos quanto no regramento dos modos de ser e estar no mundo que destoam das convenções sociais.”. Pelbart (2018, p. 16), por sua vez, pontua que a necropolítica é:

(...) o devir-negro do mundo, que abarca desempregados, descartáveis, favelados, imigrantes, mas em contextos agudos, podemos acrescentar: mulheres, gays, trans, drogativos, esquizofrênicos, etc. Que a política seja declinada como necropolítica, como política de extermínio, diz algo da sobrevivência da matriz colonial no contexto contemporâneo.

Pelbart (2018) ainda retoma o questionamento de Mbembe (2018a): antes de remeter ao nazismo como um horizonte da barbárie que cresce em tantos lugares do mundo, não seria mais assertivo voltar até a *plantation*^[19], na história colonial, o primeiro grande território e laboratório biopolítico e necropolítico no planeta? Isso porque, nesse contexto, os proprietários de terra detinham o controle sobre a vida e a morte de seus escravos. Assim, Pelbart (2008) também recorre a Foucault para compreender o conceito de biopoder ou biopolítica – fundamentos importantes para entender a necropolítica.

Retomamos Mbembe (2018b, p. 76) para pensar a questão necropolítica quando afirma que “o corpo se duplica e, na morte, literal e metaforicamente escapa do estado de sítio e ocupação.”. Para compreender o suicídio e a morte, o autor recorre a Heidegger, que se debruça sobre o terror, a liberdade e o sacrifício: “Se é livre para viver a própria vida somente quando se é livre para morrer a própria morte.” (MBEMBE, 2018b, p. 77). Isso porque “o ser humano tem de estar plenamente

vivo no momento de morrer, estar ciente de sua morte, para viver com o sentimento de estar morrendo. A própria morte deve se tornar a consciência de si mesmo no momento em que se oblitera o ser consciente.” (MBEMBE, 2018b, p. 77). Com isso, Mbembe atesta que a necropolítica retira o direito à vida, alocando o sujeito em um estado de eterna *sobrevivência*. Essa é uma das questões que são debatidas no Slam Marginália, principalmente no que diz respeito aos corpos trans racializados e suas lutas cotidianas pela vida – tema também abordado por Demétrio em suas narrativas audiovisuais.

■ INTERSECCIONALIDADE E POLÍTICAS DE AUDIOVISIBILIDADE

A partir de uma perspectiva interseccional, o olhar reflexivo sobre o caso de Demétrio possibilita compreender como diferentes marcadores sociais de diferença (raça, classe, gênero) se articulam de modo a impactar sua existência e a repercussão midiática de sua morte. O conceito de interseccionalidade é de extrema relevância nesse sentido, já que nos permite apreender as consequências do encadeamento entre duas ou mais formas de opressão. Ele é um valioso recurso teórico-epistemológico para compreender a constituição e os efeitos da produção de diferenças (HIRATA, 2014).

De acordo com Kimberlé Crenshaw (1991, p. 1249, tradução nossa), “a subordinação interseccional não precisa ser produzida intencionalmente; na verdade, é frequentemente a consequência da imposição de uma carga que interage com vulnerabilidades preexistentes para criar mais uma dimensão de destituição de poder”. É nesse sentido que, enquanto homem trans, preto e periférico, Demétrio teve que lidar com uma carga interseccional de opressões. Um exemplo dessa violência de caráter interseccional aparece na narrativa de Demétrio quando ele relata uma abordagem policial:

Eu já perdi as contas de quantas ‘duras’ eu já tomei em minha vida. Teve uma vez que eu estava subindo o Vidigal para ir pra casa e o carro da PM vinha me seguindo. Eu era o único cara preto na porra da pista. Oito e pouco da noite. Estava voltando do trabalho, ele veio atrás de mim, me seguindo... Só que aí ele [o policial] passou e eu dei uma respirada. Então ele deu um balão, uma curva, e já veio jogando o carro em cima de mim. O parceiro dele, que estava dentro do carro, sem ser o motorista, já saiu do carro colocando o fuzil na minha cara, mandando eu me deitar no chão com o pé em cima de mim, mandando colocar a mão pra trás. Aí me revistou, catou quatro conto meu, me roubou, ainda chamou os amigos dele, porque ele achava a todo momento que eu era um homem. Só que naquela época

eu não tinha transicionado ainda. Aí ele viu meu documento. Ele pediu meu documento e chamou os amigos porque queria me zoar. É menino ou menina? Aí começaram a falar que iam me colocar na viatura. Eu falei: “Por favor, não”. Expliquei que eu morava lá em cima e mostrei a mina com quem eu morava, uma mina branca. A minha sorte é que eu mostrei o Facebook da mina, a mãe da mina e a vida que a mina tinha, senão eu estava fudido. Eu me salvei pela mina que morava comigo, porque ela é branca^[20].

Podemos verificar como a articulação entre a travessia, a negritude e a condição social impacta diretamente a experiência de Demétrio, convertendo-se na origem de violências direcionadas à sua subjetividade e ao seu corpo trans-preto-periférico. Isso é corroborado pelo fato de a cor da pele da namorada de Demétrio (“porque ela é branca”) ter sido a razão de seu “livramento”. Como explica Liv Sovik (2009), a branquitude ainda possui um lugar socioculturalmente privilegiado no contexto brasileiro, sendo um atributo relacionado de maneira intrínseca à divisão de classes. Ademais, a branquitude mantém uma complexa relação ao mesmo tempo de ordem fenotípica, simbólica e identitária, que se reproduz continuamente na práxis, nas relações interpessoais e nas instituições (SOVIK, 2009). Conforme argumenta Patricia Collins (2004, p. 2, tradução nossa), “em algumas situações, gênero, idade, classe social e educação não importam se você é preto.”.

No entanto, não podemos deixar de considerar a capacidade de agência, de resistência e de (re)existência dos sujeitos em situação de subalternidade. A partir da conjuntura em que ocorre a subalternização de subjetividades e corpos trans, pretas/os e periféricas/os, emergem, por exemplo, lutas por representação. Nesse sentido, bell hooks (2019, p. 36-37) destaca que:

A questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver.

No universo das representações, as políticas de audiovisibilidade operam como uma força motriz no sentido de viabilizar espaços de voz e de visibilidade para sujeitos em situação de subalternidade (ROCHA, 2009). No entanto, isso nos demanda realizar uma diferenciação conceitual entre audiovisualidade e audiovisibilidade. A audiovisualidade se refere exclusivamente à propriedade sonora e visual; já a audiovisibilidade apresenta essa mesma propriedade, mas também conta com uma dimensão política, dotada de legibilidade social (ROCHA, 2009).

Deste modo, as políticas de audiovisibilidade são de extrema importância às lutas por representação, configurando-se como um verdadeiro campo de embates. De acordo com Rocha (2020)^[22], “trata-se de pensar para além das imagens, dos sons, pensar como um objeto comunicacional expandido, dilatado. As audiovisibilidades se tornam fórum de disputa do poder.”.

Logo, pensar sobre políticas de audiovisibilidade implica: refletir sobre a dimensão tecnológica como aliada no processo de visibilidade de *existências mínimas*^[23]; considerar os matizes não só de subalternização, mas também de resistência e de (re)existência a partir das audiovisibilidades; e assumir que as audiovisibilidades vão muito além do entretenimento, pois englobam múltiplas relações de poder (ROCHA, 2009).

Sendo assim, as narrativas relacionadas ao suicídio de Demétrio adquirem, principalmente a partir da repercussão midiática do caso, uma potência enquanto política de audiovisibilidade no que se refere a pautas trans-pretas-periféricas. Tais narrativas acarretam uma série de debates sobre essas questões interseccionais, com base na articulação entre a legibilidade e a legitimidade de sua audiovisibilidade. A partir da análise da entrevista de Demétrio no canal TransDiário, da publicação sobre seu suicídio na página oficial do Slam Marginália no Instagram e das publicações na página @demetriocamposvive, podemos verificar que, de fato, elas se tornam um objeto comunicacional expandido.

O caso de Demétrio deixa claro como as políticas de audiovisibilidade são fundamentadas por múltiplas mediações. Com isso, buscamos salientar o caráter dialógico da audiovisibilidade, que não pode existir sem as interações sociais (inclusive on-line). É preciso pontuar que o mais importante não é a materialidade do dispositivo em si, mas, sim, as interações fomentadas pela comunicação mediada on-line (THOMPSON, 2018). Logo, a dimensão midiática das narrativas vinculadas ao caso de Demétrio demonstra justamente que as redes sociais digitais podem ser entendidas como:

(...) sistemas de comunicação, redes de informação, não são máquinas impostas a nós, ou não são apenas impostas, ao mesmo tempo são desejadas, reativadas por cada um, de tal modo que é a partir daí, também, que cada um aciona um sentido de vida e uma criatividade própria, no interior delas (PELBART, 2008, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ATÉ QUANDO?

As materialidades comunicacionais, entendidas como uma condição à produção de sentido (sem serem, elas mesmas, o sentido) (GUMBRECHT, 2010), geram diferentes modos de ação e interação social. Assim, compreendemos que o uso dos meios de comunicação – como as redes sociais digitais – está vinculado à elaboração de novas formas de subjetividade e audiovisibilidade (ROCHA 2009), como aquelas relacionadas à comunidade LGBTQI+. O caso do suicídio de Demétrio é um exemplo de como as mídias passam a ter uma centralidade na dimensão política da existência

desses sujeitos. A morte de Demétrio, potencializada por sua repercussão midiática, aponta igualmente para a capacidade de múltiplas formas de ativismo, capazes de transformar o luto em luta. Isso fica evidente pelo fato de sua mãe passar a administrar o perfil @demetriocamposvive no Instagram, dando continuidade às causas defendidas por Demétrio e mantendo interações com as/os seguidoras/es da página. Nesse sentido, é válido ressaltar que, apesar de o corpo trans ser objetificado e odiado, ele também é uma potência de vida e, portanto, resiste – até mesmo ao seu sistemático extermínio (PRECIADO, 2020b).

Ao mesmo tempo, as políticas de audiovisibilidade abarcadas no caso de Demétrio não podem ser dissociadas das travessias e da necropolítica que entremeiam a experiência trans-preta-periférica. Infelizmente, o suicídio de Demétrio não é um caso isolado; ao contrário, se vincula de maneira intrínseca às precárias condições de vida à população LGBTQI+ no contexto brasileiro. As pessoas trans, principalmente quando são pretas e periféricas, são “lidas” socialmente como verdadeiros monstros. Para Preciado (2020b, p. 45, tradução nossa):

O monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, cujo corpo, cujas práticas e línguas ainda não podem ser consideradas como verdadeiras em determinado regime de saber e poder. Fazer uma transição de gênero é inventar um agenciamento maquínico com o hormônio ou com algum outro código ativo: pode ser uma língua, uma música, uma forma, um relacionamento com uma planta, um animal ou outro ser vivo. Fazer uma transição de gênero é estabelecer uma comunicação transversal com o hormônio, até que ele apague ou, melhor, oculte o que vocês chamam de “fenótipo feminino”, e permita despertar outra genealogia. Esse despertar é uma revolução. É uma elevação molecular. Um ataque ao poder do eu heteropatriarcal, da identidade e do nome próprio. É um processo de descolonização^[24].

No entanto, não podemos nos esquecer de que essas existências monstruosas também possuem uma potência política. Como fica evidente no caso de Demétrio, tanto em vida quanto em morte, o “monstro” se (re)faz em permanência, questionando, contestando e enfrentando as normas hegemônicas da cisheteronormatividade e da branquitude. É nesse âmbito que as políticas de audiovisibilidade são articuladas e passam a servir de base a diversas formas de embate, engajamento e ativismo. Daí advém o encontro entre resistir e (re)existir. Conforme expõe Jota Mombaça (2020, p. 2-3):

Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. (...). Já não temos tempo, mas sabemos que o tempo não anda só para a frente. Não vim aqui para cantar a esperança. Não temo a negatividade desta época, porque aprendi com os cálculos de Denise Ferreira da Silva que menos com menos dá mais e, portanto, nossas vidas negativas se somam e se multiplicam à revelia. Então eu vim para cantar à revelia.

Por fim, como reitera De Baère (2019, p. 138), “ao invés de anunciar que uma pessoa dissidente sexual e/ou de gênero se suicidou, pode se afirmar que, a depender de como foi a sua

relação com a LGBTfobia, ela foi, na verdade, suicidada.”. Assim como De Baère, no primeiro vídeo postado no Instagram após a morte do filho, a mãe de Demétrio afirma: “Ele não se suicidou, ele foi suicidado.”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ALMEIDA, Guilherme S. ‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012.
- ARFUCH, Leonor. Sujetos y narrativas. *Acta Sociológica*, Londres, n. 53, p. 19-41, 2010.
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. (Orgs.). *Dossiê dos assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018*. Salvador: ANTRA, 2019.
- DE BAÈRE, Felipe. A mortífera normatividade: o silenciamento das dissidências sexuais e de gênero suicidadas. *REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 2, p. 128-140, 2019.
- CARVALHO, Victor. Demétrio Campos e o debate sobre a saúde mental das pessoas trans. *Revista Amarelo*, 20 maio 2020. Disponível em: <<https://medium.com/revista-amarelo/suic%C3%ADdio-de-homem-trans-gera-debate-sobre-sa%C3%BAde-mental-da-comunidade-lgbt-6148457ce13f>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Sexual Politics - African Americans, gender, and the new racism*. New York: Routledge, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241–99, 1991.
- DE CARVALHO, Kauan Gustavo *et al.* Comportamento suicida em minorias sexuais: prevalência e fatores associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 14, p. 1-9, 2019.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Pesquisa biográfica e experiência migratória. In: LECHNER, Elsa. (Org). *Rostos, vozes, silêncios*. Uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal. Coimbra: Almedina, 2015. p. 61–72.
- GOMES, Karol. Mãe de Demétrio Campos fala como a alegria de viver do filho foi abreviada pelo racismo e transfobia. *Revista Hypeness*, 28 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2020/06/mae-de-demétrio-campos-fala-como-a-alegria-de-viver-do-filho-foi-abreviada-pelo-racismo-e-transfobia/>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social - Revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.
- HOOKS, bell. *Olhares negros - raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- MEDEIROS, Ettore Stefani. Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. *Reccis*, v. 13, n. 2, p. 287-300, 2019.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora [recurso eletrônico]: carta às que vivem e vibram apesar do Brasil*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications. Queers of color and the performance of politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- PELBART, Peter Pál. *Mutações contemporâneas*. 2008. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/peter_pal.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- PELBART, Peter Pál. *Necropolítica tropical: fragmentos de um pesadelo em curso*. São Paulo: N-1 Edições; 2018.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015.
- PERES, William Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Psicologia Política*, v. 11, n. 22, p. 261-277, 2011.
- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano - Crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a.
- PRECIADO, Paul B. *Yo soy el monstruo que os habla - Informe para una academia de psicoanalistas*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020b.
- PUTTI, Alexandre. Assassinatos de travestis e transexuais crescem 70% em 2020. *Carta Capital*, 8 set. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/assassinatos-de-travestis-e-transsexuais-crescem-70-em-2020/>>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- REDE TRANS BRASIL. Setembro amarelo: políticas afirmativas pela saúde mental de pessoas trans. Aracaju: Rede Trans Brasil, 2021. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/2021/09/10/setembro-amarelo-politicas->

afirmativas-pela-saude-mental-de-pessoas-trans/#more-2043>. Acesso em: 16 set. 2021.

ROCHA, Rose de Melo. É a partir das imagens que falamos de consumo: reflexões sobre fluxos visuais e comunicação midiática. In: CASTRO, Gisela Granjeiro da Silva; BACCEGA, Maria Aparecida. (Orgs.). *Comunicação e consumo nas culturas locais e global*. São Paulo: ESPM, 2009. p. 268-293.

Autor..., 2020.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. *Matrizes*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 17-44, 2018.

[1] “Gêneros dissidentes” são todos os gêneros que não se enquadram aos padrões da cisheteronormatividade, como as pessoas trans e não-binárias (PERES; TOLEDO, 2011).

[2] Intitulada “Práticas de consumo, politicidades e audiovisibilidades de gêneros dissidentes no centro de São Paulo”, a pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM, São Paulo) pela pesquisadora Gabriela Cleveston Gelain desde fevereiro de 2019, e conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[3] No dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) excluiu a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID), ou seja, ela deixou de ser qualificada como uma enfermidade. Por isso, a data ficou conhecida como “Dia Internacional de Luta Contra a LGBTfobia”, estando relacionada à conscientização e à busca de ações que contribuam para o enfrentamento da discriminação contra pessoas LGBTQI+.

[4] A sigla se refere a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo e outras minorias sexuais e de gênero. Dentre elas, podemos citar como exemplo assexuais, pansexuais e boycetas.

[5] Trata-se de uma abordagem teórica transviada, marica, cujo enfoque recai sobre as vozes do sujeito subalternizado pelo sistema patriarcal e heterocisnormativo. “Decolonizar é se desprender da lógica da colonialidade e de seus efeitos; é desapegar-se do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. Noutras palavras, decolonização é uma operação que consiste em se desapegar do eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 415).

[6] Após a morte de Demétrio, seu perfil no Instagram passou a ser administrado por sua mãe, Ivoni Conceição Campos Santos. A partir de então, o nome do perfil foi alterado de @demozinn para @demetriocamposvive. Em março de 2021, o perfil contava com mais de 16 mil seguidoras/es.

[7] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IfNifQw8SL8&t=103s>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

[8] Até março de 2021, o vídeo possuía mais de 100 mil visualizações. Neste caso, realizamos uma transcrição editada das falas de Demétrio, ou seja, todas as palavras foram transcritas, com exceção de interjeições (uhms, aahs, eehs, ahns etc.) e repetições.

[9] Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CASosMXnvIt/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

[10] Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B8JEqYPHLD5/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

- [11] Até março de 2021, o vídeo possuía mais de 60 mil visualizações e 500 comentários. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CABe9dilh5/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- [12] Muñoz (1998) compreende a desidentificação enquanto um conceito baseado em Michel Pêcheux sobre a formação dos sujeitos. Deste modo, analisa de que modo os corpos minoritários negociam suas identidades em uma sociedade que pune e tenta invisibilizar a existência daqueles que não se enquadram como homens cisgêneros, heterossexuais, brancos e de classe média. O autor evidencia, assim, os sujeitos que estão fora da cultura mainstream racializada e sexualizada, compreendendo que estes corpos se apropriam e transformam essas obras para seus próprios fins culturais. Logo, a desidentificação é um processo que basta em si mesmo, uma tentativa de edificar um mundo queer trabalhando com e contra uma ideologia dominante.
- [13] Demétrio fala sobre este tema em um vídeo para o canal Transdiário, no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfNifQw8SL8>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- [14] Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/B8JEqYPHLD5/?igshid=s2jde9mkf091>>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- [15] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfNifQw8SL8&t=103s>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- [16] A passabilidade (ou passing transgender) é um termo utilizado para se referir “(...) a uma capacidade pessoal de ser reconhecido/a como pertencente a um gênero que não era o assignado no sujeito ao nascer. Essa capacidade pessoal envolve tanto certa manipulação de alguns cuidados físicos característicos do gênero pretendido quanto atributos de comportamento que sejam culturalmente associados a tal gênero” (ALMEIDA, 2012, p. 519).
- [17] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfNifQw8SL8>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- [18] O levantamento realizado pelo GGB está pautado em casos noticiados midiaticamente. Isso significa que o número total de mortes pode ser ainda maior, uma vez que há uma grande subnotificação, agravada pela violência estrutural e institucional contra a população LGBTQI+. No que concerne especificamente ao suicídio, cabe reportar que, de 2000 e 2016, o número de casos entre a população brasileira aumentou 73% (BENEVIDES; NOGUEIRA; 2018). Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) evidenciam que o suicídio interrompe a vida de mais de 800 mil pessoas no mundo, sendo a segunda causa de morte entre jovens no planeta (BENEVIDES; NOGUEIRA; 2018).
- [19] Foi entre 1630 e 1680 que surgiu o nascimento da sociedade de plantation. “O princípio da servidão perpétua de pessoas de origem africana, estigmatizadas pela sua cor, tornou-se progressivamente a regra. Os africanos e sua progenitura tornaram-se escravos perpétuos. (...) A plantação transformou-se gradualmente numa instituição econômica, disciplinar e penal. Os negros e seus descendentes podiam, dali em diante, ser comprados para sempre.” (MBEMBE, 2018a, p. 44-45).
- [20] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfNifQw8SL8&t=103s>>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- [21] No original: “In some situations, gender, age, social class, and education do not matter if you are Black”.
- [22] Fala da Prof.^a Dr.^a Rose de Melo Rocha durante o encontro do Grupo de Pesquisa Juvenália, realizado no dia 18 de fevereiro de 2020, cujo tema foi “Políticas de audiovisibilidades, culturas juvenis e pop-politicidade”.
- [23] Trata-se de um conceito de Lapoujade (2017), que defende que o “mínimo” é dotado de caráter político. Assim, as existências mínimas reivindicam o direito a uma outra forma de ser, uma vez que sua existência não é socioculturalmente garantida. Portanto, tudo se resume a uma questão elementar: o direito de existir (LAPOUJADE, 2017).

[24] No original: “El monstruo es aquel que vive en transición. Aquel cuyo rostro, cuyo cuerpo, cuyas prácticas y lenguajes no pueden todavía ser considerados como verdaderos en un régimen de saber y poder determinado. Hacer una transición de género es inventar un agenciamiento maquínico con la hormona o con algún otro código vivo: puede ser un lenguaje, una música, una forma, una relación con una planta, un animal u otro ser vivo. Hacer una transición de género es establecer una comunicación transversal con la hormona, hasta que esta borre o, mejor, eclipse eso que ustedes llaman el fenotipo femenino y permita despertar otra genealogía. Ese despertar es una revolución. Es un levantamiento molecular. Un asalto al poder del yo heteropatriarcal, de la identidad y del nombre propio. Es un proceso de descolonización”.